

A MORTE



Vi a morte rondando longa estrada...
Na destra em luz mostrava fina guante
E no olhar doloroso e coruscante
Trazia o espanto da alma torturada...

Vendo-a lúgubre e só, de mim diante,
Perguntei-lhe: – “Que fazes, desvairada?
Por que sementes cinza, angústia e nada
Sob os passos da vida soluçante?”

Contudo, erguendo a voz sinistra e bela,
Respondeu: – “Não me acuses! Sou aquela
Renovadora mão que tudo invade!

Sem minha férrea luva merencória
Ninguém atingiria a própria glória
Nos palácios de sol da Eternidade!”¹

Antero de Quental

Reformador | Setembro de 1948

¹ Consta do original a informação de que esse soneto foi psicografado em 15 de fevereiro de 1948, em Belo Horizonte.

ANTE A GUERRA



Homem, por mais que a fé ore e conclame
Teu coração à excelsa paz divina,
Buscas, sedento de carnificina,
O moloque da guerra, escuro e infame.

Embora a voz do Mestre te proclame
A lei do amor em bênçãos de doutrina,
Entronizas o braço que assassina
Por milênios de treva e de gravame...

Eis que o monstro de fogo te constringe
A garganta famélica de Esfinge
E as mãos negras e hirsutas de Mavorte!

Caim possesso de sinistros demos,
Ai de ti, que enterraste os dons supremos
Nos abismos tantálicos da morte!”¹

Augusto dos Anjos

Reformador | Setembro de 1948

¹ Consta do original a informação de que esse soneto foi psicografado em 1 de junho de 1948, em reunião pública da Casa Espírita em Juiz de Fora, Minas Gerais.